

PAPO SÉRIO

Paradoxo barra-cordense. Enquanto o carnaval evolui, atingindo a cada ano mais densidade, beleza, participação turística e popular, a rodovia federal (BR 226) apresenta-se em sentido totalmente contrário. Cheia de buracos, crateras, atoleiros, enfim, num quadro tão calamitoso que suplica, sob pena do isolamento de toda região, o asfaltamento imediato dessa estrada.

A espera desse asfalto já ultrapassou a casa dos vinte e tantos anos. Levas e levar de políticos elegeram-se à custa dessa rodovia. Aquilo que era um sonho normal, bandeira de uma comunidade a caminho do desenvolvimento, transforma-se em pesadelo, porque agora não se trata apenas de uma reivindicação justa, mas, sobretudo sinônimo e meio de sobrevivência pura e simplesmente. Ou seja, chega-se afinal a todos os prazos.

O estado dessa rodovia, no trecho entre Porto Franco a Barra do Corda, beira às raias da intransitabilidade. Enormes prejuízos são a ela atribuíveis. Exemplo: o alto custo de vida. Produto entra nesse território acima do preço praticado em outras praças e sai abaixo do preço em razão da competitividade. Conte-se aí o perigo do sucateamento de um caminhão, imagine o risco da produção agrícola contando com um escoamento capenga, e até mesmo, ressalte-se, o precário usufruto de serviços essenciais ao homem - como o de saúde -, prejudicado por não haver asfalto, embora recolha-se imposto de igual maneira como em outros lugares desse País.

Portanto, dando adeus ao paradoxo, vale um apelo, asfalto já.

CARNAVAL CORDINO

Com a praça Melo Uchoa repleta de gente, música e animação, Barra do Corda dá mais um passo para se tornar o melhor carnaval do interior maranhense. Pessoas do município, das cidades vizinhas, de São Luís, Teresina, Fortaleza, Brasília, brincaram os quatro dias de folia em completa segurança. O clima era de muita alegria.

A praça Melo Uchoa, principal palco do carnaval cordino, foi ornamentada e preparada para a festa. Uma empresa de sonorização de São Luís, "Bacanga", especialmente contratada pela Prefeitura, instalou várias caixas de sons em pontos estratégicos da praça. Barracas, chuveiros e banheiro completavam o cenário, em que veículos foram proibidos de circular precavendo o evento de comprometedor acidente.

Os blocos cresceram em destaques. Não faltaram os

tradicionais "Galinha Morta", "Não É Da Sua Conta", "Os Empoados", "Das Virgens", "Espalha Brasa", com suas vestimentas e instrumentos originais. O "É Da Sua Conta", de rara beleza composto somente de mulheres, destoaram com músicas sertanejas, ao invés de incluir a importante e esquecida música maranhense. Havia até um bloco da prefeitura, bloco rico de fantasias adequadas (fofões), de bolsos cheios (cervejas distribuídas ao povo) e de muito poder (contava com a Prefeita e um Deputado Estadual).

Engrossaram a festa também a Escola de Samba "Unidos da Rampa", com sua bateria espetacular. A boa animação dos modestos clubes periféricos e, principalmente, a praça Melo Uchoa, suas músicas e seus foliões que varavam a noite até algo próximo ao raiar do dia.

UMA FESTA BELA

Fui ao carnaval barra-cordense animado pela sugestão do amigo Eider, que é responsável por este Jornal, hospedando-me inclusive na residência dos seus pais, sr. Manoel Galdino e sra. Zelinda Araújo Moraes. Depois de passar por maus momentos na estrada, entre Porto Franco e Barra do Corda, os ônibus chegam à cidade com direito a uma recepção digna. E a partir daí é só carnaval. A praça Melo Uchoa, o sambódromo cordino, fica tomada de foliões e a animação ultra-

passa às 3 horas da manhã. Nos clubes, talvez pelos salgados preços dos ingressos, observava-se falta de público, exceção à última noite. Nas ruas, os blocos chamavam a atenção, sobretudo a bagunça organizada do Espalha Brasa. O rio Corda cumpriu muito bem o seu papel de revitalizador de forças, indo mais além, harmonizando-se totalmente com essa festa carnavalesca. Uma festa bela. (William Dorta - brasileiro, funcionário público federal)

TURMA DA BARRA

CAIXA POSTAL Nº 02-0372 — CEP 70001 — BRASILIA-DF

FPM - Em janeiro, a prefeitura de Barra do Corda recebeu a quantia total de 31 milhões, 280 mil, 373 cruzeiros e 75 centavos, provenientes do Fundo de Participação dos Municípios. Em fevereiro, a cota pulou para 36 milhões, 701 mil, 819 cruzeiros e 72 centavos. Informação do TCU.

FORMATURA - Allan Kardec Filho, filho de Clesemir e Kardec Barros, conclui curso de Engenharia Elétrica. Dia 22 em São Luís-Ma.

VESTIBULAR - Aprovado em Medicina: Félix Neto (filho de Clesemir e Kardec Barros - São Luís); em Comunicação Social: Fernando Brasil Cruz (filho de Nonato Cruz e Raimunda Brasil - Brasília); em Filosofia: Darlene Miranda Leite (filha de Lindalva e Pernambuco-Brasília); em Economia: Marcelo Milhomem Peres (filho de Nelita Milhomem-Brasília) e Ducilene Miranda Leite (filha de Lindalva e Pernambuco-Brasília).

INAUGURAÇÃO - Início de março será inaugurado o mais novo empreendimento de Aristides Milhomem e Murilo Nóbrega. Uma casa de vendas de queijos e vinhos Ela está situada na 313 Norte, Bl. "B", Loja 48.

ENTREVISTA - A entrevista com Aristides Milhomem publicada na edição anterior, onde é enfatizada a situação crítica do interior barra-cordense, ainda repercute. Muita gente pergunta de quem Aristides é filho. Resposta: de Desirêe Milhomem e Acrísio Ferreira

CARNAVAL I - O carnaval cordino está sendo classificado pela imprensa maranhense como o mais animado do interior do Estado.

CARNAVAL II - Dizia-se em Barra do Corda que a sonorização "Bacanga" foi contratada pela Prefeitura por 3 milhões de cruzeiros. O jornal "O Estado do Maranhão" publicou que a conta chegou aos 15 milhões.

CARNAVAL III - O bloco da prefeitura consumiu uma mega quantidade de cervejas, numa barraca da família Pacheco. Dois "freezers" foram esvaziados no espaço de uma hora. Ou seja, dez caixas de cervejas. Uma caixa custa 4 mil e 800 cruzeiros. Uma professora municipal percebe 2 mil e 400 cruzeiros. Mas, o povo gostou.

CARNAVAL IV - Três dos quatro ônibus que retornavam do carnaval cordino chegaram em Brasília depois de 65 horas de viagem. O último completou o percurso em 88 horas. Recorde absoluto.

CARNAVAL V - A queda de uma barreira na Belém-Brasília, a demora na tomada de decisão no sentido de se tomar uma outra estrada e "pregos" em um dos ônibus foram as causas do atraso da excursão.

**JORNALISTA RESPONSÁVEL
EIDER MORAES**

CRIME JULGADO

Logo após o carnaval, Barra do Corda foi invadida por boa parte da imprensa brasileira. Os jornalistas queriam noticiar o julgamento do fazendeiro José Maria Moreira Barros, acusado de assassinar há 11 anos dois índios Guajajaras. Órgãos importantes lá estavam presentes: Correio Braziliense, O Estado do Maranhão, Imparcial, Jornal do Brasil, enfim, até a TV-Imperatriz, afiliada à TV Globo, que deslocou uma equipe para transmitir diretamente do fórum pra toda região.

O julgamento que terminou absolvendo o fazendeiro José Maria Moreira Barros, começou em 20 de fevereiro num clima classificado como tenso. A presença de vários indígenas, da imprensa, de representantes de entidades como a Funai, CIMI, ANI, desenhava um quadro contrastante com a dos familiares do réu e até do próprio comportamento curioso da população cordina, erroneamente tida pela imprensa como possuidora de sentimento anti-indígena. Mas, a queda-de-braço

não aconteceu. Nenhuma animosidade foi registrada, mesmo depois de divulgado o resultado da votação do Júri, que por unanimidade inocentou o réu. Os advogados da Funai, no entanto, declararam que vão recorrer da decisão do Tribunal do Júri.

A morte do índios Moreira e Mateus, ambos com 60 anos, aconteceu em 20 de fevereiro de 1980. Consta no processo que a fazenda da família Barros, localizada no povoado do Arranca, estava sendo denunciada como passível de demarcação por ser área indígena. Ao ser invadida, várias pessoas saíram feridas e o irmão do fazendeiro Barros, Benedito Moreira Barros, caiu morto. A Polícia Militar é chamada e a partir daí surge o impasse. Não se sabe quem matou os Guajajaras - se José Maria Moreira Barros ou mesmo a própria Polícia. O fazendeiro credita o crime aos policiais do Maranhão. A Justiça Militar ainda vai marcar o julgamento do segundo acusado, o capitão José Mateus Silva, citado no processo como co-autor do assassinato.

MATANÇA INDÍGENA

A história de Barra do Corda sempre registrou escaramuças entre setores da população cordina e os índios da região.

Há 90 anos, em março de 1901, os Guajajaras arrasaram com o povoado do Alto Alegre. Inclusive, 13 frades capuchinhos foram massacrados. Alegam os nativos que estavam sendo agredidos por uma educação alienígena. Até hoje há lendas. Uma delas diz da famosa Perpetinha Moreira, então com 15

anos, sequestrada pelos indígenas que escrevia em árvores frondosas: "Aqui passou a infeliz Perpetinha."

Em 1963, os Canelas, seguindo as ordens proféticas da índia Kee-Khwei, que anunciava a cidade aos índios e o mato aos brancos, começaram aposando-se de todo gado encontrável na sertão. Miguel Veríssimo lidera um bando em que seis índios foram mortos, pondo fim ao conflito.

CARTA

Senhor Redator:

Estive em Barra do Corda cerca de 35 dias, tempo suficiente para avaliar o desgoverno municipal. Fui pagar os impostos IPTU e ajuizar uma ação de inventário. Os impostos não estão sendo cobrados e nem o executivo fornece certidão do evento. Por outro lado, uma petição endereçada ao Juízo de Direito não logrou apreciação, por mais de um mês.

SUÁREZ PINTO CAVALCANTI
Rio de Janeiro - RJ